

SOPHIE CHRIST: CÓDIGOS DE CONDUTA DA JUVENTUDE FEMININA

SOPHIE CHRIST: CODES OF CONDUCT OF THE FEMALE YOUTH

Rita de Cássia Luiz da Rocha

Faculdade Guairacá (PR)

E-mail: rilrocha@yahoo.com.br

César Romero

Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

E-mail: crvieira@unimep.br

Introdução

De acordo com pesquisas realizadas por Rainho (1995; 2002); Zschwarcz (1998); Cunha (2006); e, Leão (2007), os manuais de boas maneiras e etiquetas escritos no final do século XIX foram bastante difundidos no contexto de diversos grupos sociais brasileiros com o objetivo principal de conformar comportamentos, suavizar os modos e civilizar os costumes. Este estilo literário marcou fortemente o século XVI na Europa, com a difusão do escrito de *A civilidade pueril* (1530) de autoria de Erasmo de Rotterdam, e seus efeitos se sentiram e se ampliaram por um longo período até a primeira metade do século XIX. Mas a partir daí, dirá Revel, sem o mesmo alcance do período anterior, tornando-se no contexto europeu, em especial na França, uma literatura arcaica ao colocar em risco os privilégios daqueles a quem cabia decidir o bom costume (Cf. REVEL, 1991, 2002). Entretanto, o uso dessa literatura permitiu que a noção de civilidade chegasse à inúmeras instituições escolares e religiosas influenciando as práticas vigentes e compartilhadas nos espaços sociais, para além deste período. Sua leitura fez parte de um programa de civilidade em que a internalização de regras de bom comportamento influenciou os modos de ser nos processos de formação individual e coletiva. Vistas como fundamentais na modulação do comportamento, Norbert Elias foi o primeiro a utilizá-las em suas análises para demonstrar os efeitos no longo “processo de civilização” dos comportamentos sociais. De acordo com Elias, “o padrão so-

cial a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos conscientes” (1994a, p. 135).

Dos provérbios e trovas de fácil memorização, aos tratados manuscritos que invadiram as práticas escolares, ainda no século XVI, este gênero literário alastrou-se com tamanha profundidade no seio da sociedade europeia que foi das prescrições de comportamento desejado ao aumento progressivo do controle que as pessoas passaram a exercer umas sobre as outras. Assim, podemos dizer que os manuais de civilidade foram utilizados nas mais variadas instâncias e culturas. No caso de sua utilização em escolas confessionais, esse processo de conformação social, aliou-se à rigidez das práticas religiosas, muito embora, guardem as devidas diferenças entre contextos e peculiaridades institucionais.

Embora existam vestígios de que estes códigos de comportamentos tenham circulado no Brasil desde o período imperial, este campo de pesquisa ainda é praticamente pouco investigado. Raras são as pesquisas que têm nos manuais, como objeto central de estudo, as mudanças nos regimes de costumes e regulação das emoções, ou seja, da disciplinarização à informalização das boas maneiras. Principalmente quando estes são destinados exclusivamente ao universo feminino. Ao abordarem a educação do sexo feminino geralmente o fazem dando destaque mais a posição hierárquica de submissão, em detrimento do exame do equilíbrio das relações de interdependência que se tornaram mais tensas ao longo de um processo civilizador.

Para a História da Educação brasileira, esses manuais constituem-se em uma rica fonte de pesquisa por revelar de modo significativo as representações que a própria sociedade fazia de si mesma ao considerar o que é importante no processo de conformação da juventude, e ainda por apresentar a possibilidade de compreendermos com maior precisão as diversas figurações sociais que se estabelecem na fronteira entre o espaço privado e o público, proporcionando diversas abordagens de investigação.

Nos limites do presente trabalho, recorreremos a alguns exemplos selecionados sobre a percepção e a composição do feminino produzidos pelo *Livro de bolso de boas maneiras sobre orientação práticas sobre a conduta da*

*juventude feminina*¹, de Sophie Chist, publicado pela primeira vez em 1889. Em linhas gerais, a proposta do presente artigo é a de analisar as normas de sociabilidades contidas neste manual e investigar como essas normas instituídas por um discurso homogêneo geraram condutas que foram aos poucos sendo internalizadas, aprimoradas e ampliadas à medida em que os processos relacionais foram se transformando ao longo do processo histórico. No específico, verificar como que a utilização deste manual proporcionou a composição de estruturas do universo social feminino, a partir do estabelecimento de novas redes de interdependências construídas nos diferentes campos de relação, permitindo assim observar o modo como as novas configurações do campo social flexionam as rígidas bases das fronteiras entre o público e o privado, entre o indivíduo e a sociedade.

O manual de boas maneiras: educação civilizadora

O *Taschenbüchlein* de Sophie Christ, ou o livreto de Sophie Christ, chegou ao Brasil por intermédio do Pe. Arnaldo Janssen, fundador da congregação do Verbo Divino. Uma missão religiosa composta por mulheres alemães, denominadas de Servas do Espírito Santo, que se instalou no Brasil em meados de 1902 com a tarefa de fundar escolas femininas e consolidar os ideais católicos junto aos núcleos de imigrantes alemães na região sudeste e sul do país. A cidade de Juiz de Fora foi escolhida para receber a primeira sede da congregação e já no ano seguinte, 1903, fundou o Colégio feminino Stella Matutina; em 1904, a congregação assumiu uma escola próximo à Curitiba, em São José dos Pinhais; em 1905 iniciou a uma escola em Ponta Grossa; e em 1907, fundou o Colégio Nossa Senhora de Belém em Guarapuava, Paraná (Cf. ROCHA, 2018, p. 85).

Para este estudo, utilizamos como fonte de pesquisa a 3ª edição do manual de boas maneiras de Sophie Christ, escrito em 1889; as Crônicas do Colégio Stella Matutina; e, alguns excertos das cartas trocadas entre o fundador da congregação e as irmãs Servas do Espírito Santo no período da implantação da missão no Brasil². Toda a documentação produzida pela congregação, bem

¹ No original em alemão, *Taschenbüchlein des Guten Tones: Praktische Anleitung über die Formen des Anstandes für die Jugend weibliche*.

² As crônicas são relatos anuais das atividades educacionais desenvolvidas pelas missionárias tanto

como o manual, encontra-se escrita em alemão arcaico. A tradução do manual contou com a colaboração de especialista na língua alemã e levou cerca de um ano para ser finalizada³. Pelas evidências coletadas intuímos que a pesquisa sobre este manual, no campo da História da Educação brasileira, é pioneira.

Na constituição do Colégio Stella Matutina as irmãs relatam em suas crônicas o comportamento das alunas brasileiras:

Junto com as alunas chegam as cruzeiras: as meninas nos davam muito trabalho. Viviam descontentes, resmungavam contra as Irmãs, queriam ir para casa e voltar só como externas. A princípio, desejávamos ao menos 6 internas para progredir em nossa tarefa e agora tínhamos que começar tudo de novo. As internas queixavam-se ora disto, ora daquilo; duas foram para casa, mas uma delas voltou. Parecia que íamos perder todas: as externas se distinguiam por atitudes atrevidas e as Irmãs ainda lutam muito (SSpS, 07/01/1903, p. 6).

No início, as irmãs estavam apreensivas à realização da primeira apresentação de trabalhos das alunas, por conta do mau comportamento: “As alunas”, registram em suas crônicas, “ainda estão muito pouco educadas e incapacitadas para tais atividades”. Relatam que algumas demonstravam um comportamento pouco aceitável, de modo que as irmãs estavam receiosas de realizar a “festinha”. O que se lê após o evento descrito parece confirmar a preocupação das religiosas: “infelizmente, o comportamento das alunas muito deixou a desejar. Precisamos rezar muito ainda, para que haja maior disciplina, do contrário não será possível obter algo desta escola” (SSpS, 14/05/1903, p.9).

É nesse contexto que o código de conduta de boas maneiras da escritora alemã Sophie Christ foi introduzido, como um protocolo de sociabilidade na difícil tarefa de conformação das alunas. Sobre a instituição desta documentação normativa é possível de se verificar no trecho de uma das cartas que a irmã Josepha envia, ainda no início do projeto missionário brasileiro, para o seu superior na Alemanha.

A respeito da aula de Boas Maneiras, comunico a V. Revm^o. o seguinte: o Revm^o mandou 4 livros para aula de Boas Maneiras. Irmã Raphaele escolheu dois deles para suas aulas: 1) Cortesia – uma edição de 1899 (vinte conferências dadas aos alunos do Konvikt episcopal de Luxemburgo por J. Bern. Krier, Diretor). 2) Des

no colégio quanto no auxílio religioso e pastoral.

³ Tradução para o português de Sara Baldus.

*Guten Tones*⁴ – de Sophie Christ, uma edição de 1901. Ambos são livros bonitos e cristãos (lr. JOSEPHA, Steyl, 29/07/1902).

O manual de Christ não envolve somente normas de etiqueta, mas também perpassa a moral e a ética imbricadas no desenvolvimento de maneiras mais suaves e serenas, aspectos que se revelaram necessários nas mediações pessoais e interpessoais. É dentro dessa perspectiva comportamental que as freiras deviam alicerçar os valores e edificar as boas maneiras por meio de uma correta disciplina das mentes e dos jovens corpos femininos.

A boa educação nem sempre pode ser expressa em determinadas formas e na sequência com que será discutida a seguir, embora ela deva ser considerada conscientemente a cada fazer e deixar de fazer, a cada passo e a cada movimento. A dignidade e a boa educação de uma moça devem mostrar-se na fala, na linguagem e na voz que nunca deve ser alta demais, nos movimentos das mãos e dos braços, nos gestos, no andar e no modo de cumprimentar. É com graça que se deve conceder as doações, com graça agradecer e também com graça, se expressar, também no modo de escrita (CHRIST, 1889, p.83).

As crônicas não descrevem com detalhes a maneira como era utilizado o manual, porém é possível verificar por meio delas os relatos de mudanças ocorridas nas relações entre as irmãs/professoras e as alunas já no início do segundo ano de atividade escolar: “As alunas comportam-se melhor, por isso o ensino tornou-se mais fácil. Como Deus é bom para nós! Quatro alunas saíram, justamente aquelas das quais desejávamos nos ver livres” (SSpS, 07/01/1904, p.15).

A pergunta que se coloca como desafio é como os comportamentos controlados e autocontrolados, institutos dentro do espaço privado influenciaram na composição do feminino, permeados pela complexa rede de relacionamento, seja pela figuração da família, da igreja, da escola ou da rua, seja pela balança de poder nessas relações, contidas na civilidade de emoções e sentimentos. Verifica-se assim a pertinência da análise eliasiana, quando se observa que há nas relações descritas por Christ diversas figurações relacionais de poder, em que o indivíduo não pode ser visto como peça separada da sociedade, como afirma Elias ao dizer que “isto se expressa no conceito fundamental da balança nós-eu, o qual indica que a relação da identidade-eu com a identidade-nós do indivíduo não se estabelece de uma

⁴ *Des Guten Tones* foi traduzido por “boas maneiras”

vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas” (ELIAS, 1994b, p. 9).

É certo dizer que a educação civilizadora, expressa por este tipo de literatura, é pautada na conformação de comportamentos sociais, ou seja, quanto mais os indivíduos se educam, mais são capazes de controlar seus próprios impulsos, suas emoções, de modo que a habilidade para conviver em sociedade é tanto mais agradável quanto a sua habilidade de praticar o que é aceito e de esconder o que deve ser ignorado, constituindo-se “um modo de governar-se e cria a possibilidade de um intercâmbio social” (Cf. REVEL, 1991, p. 185).

Elias, ao estudar histórica e sociologicamente a sociedade de corte, expôs as transformações das estruturas sociais e de personalidade, e como essas evoluíram e modificaram a vida humana em sociedade. Aspectos que foram abordadas na obra, *O processo civilizador*, dividida em dois volumes. O primeiro, dedicado à “uma história dos costumes” (1994a), centra-se nas mudanças das emoções, no controle do comportamento e na contenção da violência constituindo-se em processos direcionados pelo dinamismo das redes de interdependência que atingem a todos os indivíduos, e, das configurações das quais estes fazem parte. O estudo revela que as ações humanas não são naturais e sim construídas socialmente. Quanto mais o ser humano se civiliza maior é o controle e autocontrole de suas emoções. No segundo volume (1993), dedicado à “formação do estado e civilização”, dá ênfase aos aspectos pertinentes às relações entre as mudanças nas estruturas da personalidade com as mudanças sociais, os modos como estas interferem socialmente na formação da sociedade de corte.

Entretanto, é no primeiro volume que Elias dá contornos à teoria do processo civilizador ao formular as dimensões de psicogênese, como as transformações do comportamento e das estruturas de personalidade dos indivíduos (processos de socialização), e de sociogênese que se refere às mudanças gerais e de longa duração ocorridas nas estruturas das sociedades (hierarquias). Na gênese destas mudanças está a necessidade de um processo de longa duração e de mudanças nas estruturas da personalidade dos indivíduos que, por sua vez, necessitam absorvê-las. Portanto, as mudanças sociais ao serem internalizadas e absorvidas na psique transformam-se em comportamentos socialmente aceitos.

Os costumes, os hábitos e os critérios particulares variam segundo as sociedades, o tempo e o lugar. Contudo, o que há de essencial no tratamento, na cortesia, nos modos e na expressão dos sentimentos pertence a todos: o saber conviver exige civilidade nas relações entre os indivíduos. Saber como se portar em determinadas situações pressiona os indivíduos à previsibilidade de determinados gestos, posturas, sinais. Estes códigos específicos de comportamentos são sinais e convenções de cortesias acumuladas e repetidas durante séculos, que se tornaram, processualmente, marcas da vida civilizada. Estes códigos, de acordo com Elias, eram designados pelos estratos superiores como uma forma de diferenciação social no âmbito das cortes feudais, mas que, “se disseminou por estratos mais amplos” (ELIAS, 1994a, 76).

Estas marcas também podem ser percebidas a partir da difusão e circulação dos livros sobre etiquetas que foram sendo produzidos ao longo da história humana. Entretanto, antes de procedermos a análise aqui proposta, é importante tecer algumas breves considerações sobre a vida e obra de nossa escritora.

A trajetória de Sophie Christ

As crescentes exigências feitas aos educandos nas escolas fazem com que o cultivo das virtudes domésticas e também sociais – que certamente são de importância considerável para a juventude feminina – pareça tanto mais perceptível, para que as etapas de formação não sejam unilaterais, mas harmônicas.

Sophie Christ

Bem pouco se escreveu sobre a vida de Sophie Christ. Os indícios que nos conduziram ao estudo sobre esta autora e seu manual, baseiam-se principalmente nos apontamentos de escassas obras publicadas que registram aspectos selecionados de sua trajetória de vida. Soma-se a isto o fato de que a totalidade das fontes consultadas está escrita em língua alemã. Mesmo assim, recorrendo, sempre que necessário a traduções encomendadas⁵, procuramos destacar aqui e ali alguns traços de sua personalidade que julgamos importantes para a construção de uma pequena narrativa biográfica como uma forma de conhecimento histórico, ainda que tenhamos consciência do caráter

⁵ Estes registros foram traduzidos por Andrea Kreuscher, egressa do curso de pedagogia da Faculdade Guairacá-PR, a qual agradecemos e damos os devidos créditos.

fragmentário desta tentativa. Giovanni Levi alerta-nos sobre o cuidado que devemos ter com as fontes quando nos propomos a reconstruir uma trajetória de vida, pois elas “não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas, ou seja, acerca dos atos. Essa falta de neutralidade da documentação leva muitas vezes a explicações monocausais e lineares” (LEVI, 2006, 173). Assim, cercamo-nos das devidas precauções para não incorremos indevidamente no erro da idealização da personagem pesquisada, ao lançarmos mão de dois pequenos registros que foram escritos por Marlene Hübel - *Die heitere würde der persönlichkeit* (A alegre dignidade da personalidade), e *Blick auf Mainzer Frauengeschichte Mainzer Frauenkalender 1991 bis 2012 - Ein Lesebuch* (Um olhar sobre as histórias das mulheres de Mainz 1991 a 2012 – um livro de leitura) e tomados aqui como fontes de pesquisa para esta reconstituição. A partir desses opúsculos tentaremos reconstruir sua trajetória de vida com maior destaque para as inter-relações estabelecidas por esta autora, sem desconsiderar suas ações individuais e as estruturas normativas sócio-político e cultural de seu tempo.

Sophie Christ nasceu no dia 9 de setembro de 1836, em Mainz, na Alemanha, e faleceu em 23 de abril de 1931, com 95 anos de idade. De acordo com Hübel, ela não só foi considerada a mais velha moradora da cidade, como também a mais velha escritora da Alemanha. Atuou e foi diretora da Associação de Jornalistas e Escritores (*Mainzer*). Não se casou e exerceu, ao longo de sua vida produtiva, duas profissões bastante desafiadoras para os padrões da época, a de atriz e escritora, profissões estas que lhe proporcionaram independência e amplitude cultural, revelando no curso de sua vida uma grande capacidade de adaptação à novos desafios postos pela vida moderna, fugindo deste modo das normativas tradicionais que estruturavam a vida social de sua época.

Inspirando-se na performance de renomadas atrizes alemãs, Christ deixou sua cidade natal em 1855, para dar início à carreira profissional. Em Weimar, entrou em contato com o diretor teatral, poeta e dramaturgo Franz von Dingelstedt (1814-1881). Como fruto desta convivência profissional, Christ representou diversos papéis que a levaram a se apresentar em inúmeros palcos de teatros alemães, sendo muito elogiada por interpretar, especialmente papéis dramáticos, como foi descrito em 1864 pelo *Jornal de Mainz* que a destaca por seu talento em comparação com os outros atores, após uma longa representação teatral em sua cidade natal.

Não obstante a todo este sucesso profissional, em 1877 desistiu de sua carreira teatral e retornou para a cidade de Mainz. Neste período, conheceu e trabalhou como secretária da poetisa e romancista alemã Ida Gräfin Hahn (1805-1880), mais conhecida como condessa Von Hahn que havia perdido a visão do olho esquerdo em consequência de um procedimento médico desastroso. Escritora e viajante bem-sucedida, mas muito criticada pela aristocracia de sua época por seus escritos polêmicos, temerosa por constantes perseguições, encontrou refúgio na vida monástica⁶. Ida Gräfin viveu o restante de seu tempo dedicando-se à manutenção de um convento que ela mesma fundou para meninas “caídas”. Lá repensou a sua vida e mudou o curso de seus escritos dividindo-os em antes e após a sua conversão ao catolicismo.

Ao iluminarmos, ainda que brevemente, a personagem Ida von Hahn, percebe-se a teia de interdependência da qual Christ fizera parte. O gosto pela arte, religião, viagens e especialmente o mesmo gosto pela literatura que ambas compartilhavam deram origem a novas configurações em suas trajetórias. Na relação com a condessa, Christ não só empunhava a pena para transcrever o que era ditado, mas com a mesma destreza escreveu suas próprias histórias, e com elas mais uma vez ganhou destaque na esfera pública. Seu primeiro livro, *Rejeitado e escolhido*, foi publicada em 1878. Seguiram a este, *Os miradores das estrelas*, e *Gundel*. Em 1888 escreveu o *Diários Orientais observados pela natureza e a realidade*; em 1892 *Uma viagem nas montanhas: Oberammergau e os castelos reais*. Em 1900 publicou *Casa Hasmonai* – livro em que descreve a infância e a juventude de Jesus. É necessário destacar aqui que neste período, no final do século XIX, ser escritora ainda era privilégio reservado a algumas poucas mulheres e o seu reconhecimento hostilizava a ordem patriarcal reinante.

Estimulada, Christ realizou longas viagens, seguindo os mesmos passos de sua mestra literária. Ambas eram destemidas, aventureiras e corajosas qualidades que as diferiam da maioria das mulheres de Mainz daquele período, fugindo assim da trajetória de vida que até certo ponto era determinada por uma sociedade extremamente reguladora, como a sociedade alemã (CF. KRÜGER & BALDUS, 1999 Apud BORN, 2001, p. 244).

⁶ Ida Gräfin foi considerada, ao lado de sua contemporânea Ida Pfeiffer, a primeira mulher alemã a viajar e produzir cartas, diários, relatórios e livros sobre a cultura de outros países. Sobre este fato, ver (HADDOUTI, 1995).

Na literatura, Sophie Christ ficou mais conhecida por seu diário de boas maneiras, publicado em 1889 e que foi reeditado por treze vezes até o ano de 1922. O livro foi resultado das palestras proferida à jovens alemãs sobre orientações práticas de etiqueta e de bons modos na convivência em sociedade. Versava ainda sobre os deveres para com os professores e superiores, a conduta na igreja, no lar e deveres do amor ao próximo. Na 3ª edição, o manual foi revisado e ampliado, e a autora acrescentou um capítulo separado sobre as escolhas de carreira de jovens meninas, quebrando um paradigma estruturante do universo feminino de até então: a liberdade das mulheres seguirem uma carreira profissionais, para além do cuidado de si mesmas.

Sophie Christ faleceu em 1931. De acordo com Hübel, as pessoas que a conheceram, diziam ser ela uma mulher encantadora, mesmo a com idade já bem avançada. Contudo, nenhuma foto amarelada representa a figura dessa “Senhorita de Mainz”. De acordo com Hübel, “suas pequenas obras cochilam nas bibliotecas, e sua herança pessoal desapareceu, ou, provavelmente, nos conflitos da guerra, fora destruída. Os últimos anos de vida Sophie Christ passou na ‘Casa dos Professores’ na rua ‘Betzelsstraße’ em Mainz” (HÜBEL, s/d p.84).

A moça da igreja, da casa e da rua

Ao longo do manual de boas maneiras, Sophie Christ discorre sobre os alicerces da vida, sobre filosofia, história, sociologia, religião e artes. Seus escritos estão povoados de personagens bíblicos, santos e santas da Igreja Católica, rabinos, reis, rainhas, imperadores, poetas gregos e romanos, pensadores como Aristóteles, Goethe, Leinniz, Lavater, Herder e Wilhelm von Humboldt. Deixam transparecer o embate cultural alemão do final do século XIX que se travava na crescente discussão sobre a relevância do papel da mulher numa sociedade regida por uma ordem patriarcal que a via como um ser inferior destinada a cumprir apenas suas funções de mãe e de esposa. Embate este que se colocava em pauta no limiar do século XIX e que atingiu as dimensões de uma verdadeira revolução cultural nos primeiros anos do século XX com o movimento das mulheres burguesas alemãs. Com sua visão essencialista Sophie Christ enfatiza que a naturalização do feminino era o destino especial da mulher, já que para ela a diferença de sexo precedia a diferença social. Assim

prescreve: “uma jovem moça, ao almejar tudo o que é nobre em seus estudos e esforços, não deve permitir a perda da naturalidade, tornando-se um ser artificial e afetado”(CHRIST, 1889, p. 85).

O manual nos dá a possibilidade de fazer um exercício de análise das relações da balança de poder e as figurações sociais que se interpunham para delimitar e/ou validar a função do feminino. Para tentar compreender este movimento extraímos alguns excertos com recomendações sobre ação no espaço privado da igreja e da casa para observarmos de modo figurativo os desdobramentos dos aspectos da vida interior/privada, em relação ao mundo exterior/público. Como é possível perceber na seguinte sentença: “a primeira tarefa é aprender a dominar-se a si mesma. Cada auto superação resulta em renovação espiritual. A partir da unidade interior organizada, desenvolve-se então o caráter forte que não teme nada e que não se fragiliza” (CHRIST, 1889, p. 86). O domínio da consciência do “eu” interior em sua relação com o mundo exterior que se revela nas relações com a natureza e com o outros parecem não serem vistas por Christ como estruturas independentes, mas complementares. Esta questão está problematizada em Elias quando diz que a percepção que separa o eu “interior” do mundo “exterior”, é na verdade, “apenas uma reificação da mesma coisa numa base mais ampla: a ‘vida inteira’, a ‘existência’ do ser humano” (ELIAS, 1994b, p. 107). Percepção que de certa forma parece estar projetada nos escritos da autora ao destacar à justaposição que se estabelece entre aquilo que era próprio da dinâmica da vida interior com a dinâmica da vida social em constante processo de transformação, visto a partir de uma autoconfiança. Esta postura, um tanto afirmativa, proposta por Christ, ao nosso entender, leva ao rompimento daquele “muro invisível” de que nos fala Elias, numa superação do “espírito da época”, ou seja, “à configuração básica das pessoas que vivem em certos grupos sociais” (ELIAS, 1994b, p. 108).

As cenas que partilha, no interior da igreja e da família, desvelam os costumes sigilosos, obscuros, silenciosos, criteriosos que em outros momentos se expressam fora destes espaços e tomam a rua, a cidade como uma simbiose entre aquilo que é visto como próprio do indivíduo e aquilo que é percebido como a sociedade do qual é parte constitutiva. É na rua que os indivíduos se exibem, subjetivam seus valores uma vez que precisam mostrar-se bem. Nas ruas o corpo é visado, vira espetáculo, e sobre ele, forças de controle atuarão, ora por meio dos olhares dos “outros”, ora quando os olhares se voltam para

comandar o seu próprio “eu”. A rua-corpo define o que é permitido e o que não é permitido fazer nesse espaço. Novas configurações do campo social se estruturam num processo de constante transformação que por sua vez modificam também as estruturas de personalidade dos seres humanos (Cf. ELIAS, 1994a, p. 250).

Somente quando o indivíduo pára de tomar a si mesmo como ponto de partida de seu pensamento, pára de fitar o mundo como alguém que olha de “dentro” de sua casa para a rua “lá fora”, para as casas “do outro lado”, e quando é capaz — por uma nova revolução copernicana em seus pensamentos e sentimentos — de ver a si e a sua concha como parte da rua, de vê-los em relação a toda a rede humana móvel, só então se desfaz, pouco a pouco, seu sentimento de ser uma coisa isolada e contida “do lado de dentro”, enquanto os outros são algo separado dele por um abismo, são uma “paisagem”, um “ambiente”, uma “sociedade”. (ELIAS, 1994b, p. 53).

De acordo com as prescrições do manual, a ordem a partir de determinados comportamentos deveria compor todos os espaços seja na casa, na rua, na igreja, na escola e nas pequenas coisas. Um dos primeiros espaços definido pela escritora a exigir o estabelecimento da ordem é o ambiente religioso, pois é neste espaço que a honra e o decoro se fundamentam na postura exterior. Christ enfatiza a importância do comportamento próprio ao espaço sagrado, mas também da necessidade de continuidade das ações que devem ser exibidas do lado de fora deste recinto, conforme depreende-se deste excerto: “sem o sentimento de reverência a Deus nenhuma virtude pode se manter. Não é suficiente que este sentimento esteja fundamentado apenas no interior, ele também deve se manifestar e ser reconhecível na postura externa. Onde isto é mais requerido do que na igreja?” (CHRIST, 1889, p. 5). A despeito dos comportamentos que estavam no processo de mudança, a igreja continua sendo primordial para muitos indivíduos e para a autora era necessário chamar atenção sobre o decoro feminino neste espaço. Entre tantas restrições nas condutas, uma delas estabelecia que para frequentar esse espaço sagrado, o corpo feminino precisa “estar fechado”, escondido, coberto, para não chamar a atenção, conforme prescreve: “a aparência externa não deve ser chamativa (...) particularmente, uma jovem moça deve evitar cuidadosamente para não chamar a atenção do público sobre si” (CHRIST, 1889, p. 7). O efeito destas regras, especialmente sobre as condutas dos corpos femininos, tornou-se a expressão máxima de uma religião e de um discurso historicamente interna-

lizado. Sobre essa questão, Elias reporta-se à igreja Católica, considerando-a como um dos “mais importantes órgãos de difusão de estilos de comportamento pelos estratos mais baixo” (ELIAS, 1994a, p. 111).

Outro espaço abordado por Christ, que deveria exigir ordem é o núcleo familiar. Na ordem, deve estruturar-se a família, sendo a criança a expressão máxima dessa organização, pois, “a primeira impressão que temos de uma casa depende da postura boa ou má das crianças que fazem parte dela. Deve reinar principalmente a ordem [...] na ordem está fundamentada a paz” (CHRIST, 1889, p.20). Normatizava ainda Christ, que o indivíduo precisava cultivar, manter e exercer a ordem em si (eu) e com os outros (nós-eles). É possível pensar, ao longo desses processos estabelecidos, que essa identificação do eu-nós aumenta a rede de interdependência, que contribui, em grande parte, para derrubar diferenciações tradicionais em favor de uma linguagem mais afetiva nos séculos seguintes, pois as “relações sociais são emocionais, emoções individuais são sociais” (GOUDSBLOM, 2009, p. 56).

Outra questão enfatizada por Christ sobre a representação da vida privada, foi o desempenho do trabalho realizado pelas mulheres. Ao evidenciar o trabalho feminino, reporta-se a rainhas, princesas e filhas de imperadores da antiguidade. De acordo com a escritora, todas de alguma forma executaram algum tipo de atividade doméstica. Para ela, o trabalho era inerente à classe social, pois considerava importante todo o tipo de atividade e que as formas colaborativas entre a dona da casa, filhas e empregados deviam se dar no espaço da casa. O corpo feminino, para ela, não deveria ficar estagnado; a mulher deveria manter sua mente e seu corpo em constante atividade. Embora possa parecer um discurso um tanto contraditório, Christ defendia o trabalho como um exercício de autonomia da mulher para além das restrições do espaço doméstico.

uma moça deve tornar como regra de sua vida nunca ficar sem fazer nada. O trabalho é a sina da humanidade. [...]. É necessário tornar-se independente das circunstâncias externas com todas as forças da vontade, aprender a dominá-las superando a si mesma, para que, se essas circunstâncias se alterarem de modo desfavorável, não caiamos junto, mas permaneçamos em pé, agindo (CHRIST, 1889, p.65-88).

É nessa perspectiva que a mulher deveria ter uma educação especializada e orientada para um futuro mais promissor. A boa educação, daria à mulher

condições para enfrentar os mais diversos obstáculos em sua vida com autonomia e segurança. A nova possibilidade de se instruir, segundo os padrões modernos de educação, marcou um movimento forte em que as mulheres puderam criar outras perspectivas para suas vidas próprias. Este movimento emancipatório levou a ampliação das redes de interdependências entre os indivíduos e estes tiveram que lidar com outros tipos de sentimentos e impulsos fazendo com que a estrutura social permanecesse em constante processo de transformação. O núcleo familiar, gerador e mantenedor das opressões sociais fora abalado modificando as relações entre filhos/as e pais, entre as gerações mais novas e as gerações mais velhas. Esta turbulência proporcionada no âmbito privado configurou mudanças nos padrões de formalização ou informalização, e no equilíbrio de poder entre as gerações que ocorreram a partir do final do século XIX. Elias afirma que “uma das mais perceptíveis e significativas é o recrudescimento de poder das mulheres jovens e solteiras” (ELIAS, 1997, p.51). Devido às pressões sociais que vinham se configurando em séculos anteriores, durante o século XX há uma mudança radical no código social, uma vez que a tomada de decisão e a regulação são transferidas às próprias jovens.

Ao pensar nessa autorregulação dos corpos que se mostram ansiosos por coabitar espaços comuns e que ao mesmo tempo são regulados e observados socialmente, surgem conotações a respeito das expressões, das sensibilidades das pessoas, das formas já aprendidas e daquelas que deveriam ser aperfeiçoadas ou mesmo abandonadas. Retratadas pelas posturas corporais como uma das manifestações emocionais mais significativas para as relações sociais. Christ descreve que nas ruas “dependendo das pessoas cumprimentadas, às vezes se manifestam os mais variados sentimentos, que podem ser tanto atraentes quanto desagradáveis (CHRIST, 1889, p.135). O autocontrole que os indivíduos passam a ter em relação às outras pessoas fez com que gerasse um novo direcionamento dos gestos corporais, criando novas formas de relacionamentos. De acordo com Revel, “Os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem; expõem-se à interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa. Não há intimidade que não revelem” (REVEL, 1991, p. 172).

Em uma passagem, Christ explana sobre a importância de se sair um pouco de si mesma, ou seja, desprender-se de hábitos arraigados pela tradição e que deveriam ser deixados de lado e pensar mais em si próprio. Essa questão

fica clara quando a escritora prescreve às jovens os benefícios de empreender seu tempo em viagens que lhes oportunizem novas possibilidades de tecerem novos fios nessa complexa teia de interdependência que é a trama social.

É necessário enrijecer a sua vontade, superar a si mesmo para habilitar-se e poder usufruir essa alegria. Viajar renova e amplia a visão e abre a mente a novas ideias. Mas quem não ousa sair de si mesmo, separar-se de seus hábitos indolentes e de suas muitas necessidades, ocupa-se somente consigo mesmo e passará pelas paisagens maravilhosas intocado e insensível e retornará sempre decepcionado em suas expectativas (CHRIST, 1889, p.184).

Ao partir da construção de uma mulher ideal, Sophie Christ evidencia como os níveis mais elevados de regulação dos indivíduos e de conhecimento social se estabelecem. Ao verificarmos estes processos, refletimos como os comportamentos controlados e autocontrolados, instituídos nas fronteiras do espaço público e privado influenciaram na composição do feminino, permeados pelas intrincadas redes de relacionamentos, seja pela figuração da família, da igreja, da escola e de outros contextos dentro dos grupos estabelecidos, seja pelas relações de poder contidas na civilidade de emoções e sentimentos.

Considerações finais

Os limites entre o público e o privado não é de fácil resolução, dependem sempre da situação e estão sempre em discussão. Se por um lado a privacidade da família é valiosa - e Christ valoriza este ambiente porque está intimamente ligada à proteção e a ordem -, trabalhar, viajar e estudar para a mulher naquele contexto era uma possibilidade de sair dos limites deste espaço restrito e buscar a sua própria identidade como mulher no seio de uma sociedade ainda patriarcal. Neste sentido, cada figuração, família, igreja, rua exerce uma relação de poder e a todo momento tensões e equilíbrios emergem dentro dessa rede que nos levam a novas e dinâmicas configurações. Cada indivíduo indistintamente pertence ao mesmo tempo a um grupo familiar, a uma profissão, a uma corporação religiosa e a uma sociedade com elos cada vez maiores e mais complexos. Para Elias, dificilmente o indivíduo consegue romper com esses elos, pois há entre as pessoas uma “ligação funcional”, ou seja, o indivíduo está, “numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita” (ELIAS, 1994b, p.22).

Resumo: O trabalho aqui apresentado tem por objetivo evidenciar algumas percepções da composição do feminino produzidas pela circulação do manual de boas maneiras para a juventude feminina - *Taschenbüchlein des Guten Tones: Praktische Anleitung über die Formen des Anstandes für die Jugend weibliche* – de Sophie Christ (1889). Para tanto, utiliza-se a trajetória de análise processual proposta por Norbert Elias. Pode-se afirmar que a utilização desse impresso, serviu para apreensão de códigos de comportamentos, em seus preceitos e regras sociais, sendo efetivo para práticas femininas tanto na Alemanha quanto no Brasil.

Palavras-chave: Manuais. Educação Feminina. Civilidade

Abstract: This paper aims to show some perceptions on the composition of the feminine produced by the circulation of the handbook of good manners for female youth - *Taschenbüchlein des Guten Tones: Praktische Anleitung über die Formen des Anstandes für die Jugend weibliche* - by Sophie Christ (1889). To do so, we use the procedural analysis proposed by Norbert Elias. It can be said that the use of this print was used to apprehend codes of behavior, in its precepts and social rules, being effective for feminine practices in both Germany and Brazil.

Keywords: Manuals. Women's Education, Civility.

Referências

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n. 9, jan/jun, 2001, p. 240-265.

CUNHA, M. T. *Tenha modos!* Manuais de civilidade e etiqueta na Escola Normal (1920- 1960). Disponível em: <www.MTS Cunha – faced.ufu.br>.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. v 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1994b.

ELIAS, N. *Os alemães*. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de A. Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

CLOUDSBLOM, Johan. A vergonha uma dor social. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. *O Controle das Emoções*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. p. 19-46.

HADDOUTI, Christiane Schulzki. *Identität und Wahrnehmung bei Ida von Hahn-Hahn und Ida Pfeiffer anhand ihrer Orientberichte*. Diplomarbeit im Studiengang Kulturpädagogik an der Universität. Hildesheim, 1995.

HÜBEL, M. *A alegria dignidade da personalidade: Sophie Christ (1836-1931)* Mainz.

LEÃO, A. B. *Norbert Elias & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

RAINHO, M. do C. T. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade –Rio de Janeiro, século XIX. In: *ACERVO: Revista do Arquivo Nacional*. Vol.8.n.01/02. RJ: Ministério da Justiça. 1995.

RAINHO, M. do C. T. *A cidade e a moda*. Brasília: UNB, 2002.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, R. *História da vida Privada: da Renascença ao século das luzes*. V. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, R. L. *Manuais de Civilidade e Educação: "A Conduta Da Juventude Feminina" de Sophie Christ*. Tese de Doutorado. 2018. Universidade Metodista de Piracicaba. https://www.unimep.br/php/bibdig/pdfs/docs/04072018_130746_ritadecassialuizdarocha_ok.pdf

SCHWARCZ, L. M. & COSTA, Â. M. da. Como ser nobre no Brasil. Manuais de bons costumes: ou a arte de bem civilizar-se. In: Lília Moritz Schwarcz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

Fontes

Cartas Pastorais do Bispo Fundador Arnaldo Janssen às Primeiras SSPS do Brasil: 1891 a 1911.

CHRIST, S. *Livro de bolso de boas maneiras sobre orientação prática sobre a conduta da juventude feminina*. 3ª ed. Editora: Verlag von Franz Kirchheim: Mainz, 1889.

IRMÃS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO. *Crônicas da Província "Stella Matutina": Juiz de Fora (1902 – 1930)*. Trad. Ir. Loyolana. São Paulo, 1997.

Recebido em 15 de Setembro de 2018

Avaliado em 30 de Outubro de 2018